

Opinião



Lúcio Gabadinho
Engenheiro
Pure Shape Consulting

Engenharia e Engenheiros

A nossa engenharia civil é prolífera em grandes engenheiros mas nunca deixou de ser pequena à escala mundial. Há muito que tempo que tento compreender e discuto este fenómeno e relembro-me sempre de uma frase de um professor universitário que me disse: “Um engenheiro que aos 40 anos não tenha a sua própria empresa é porque não teve sucesso”. Numa fase em que se está a moldar as mentes dos jovens engenheiros, sei hoje que isto ultrapassa o nível do disparate mas infelizmente reflete a mentalidade de gerações de engenheiros e hoje temos em Portugal centenas de micro empresas e nenhuma capaz de ombrear com as congéneres europeias. Não é por isso de estranhar que em termos de capacidade técnica, e por experiência, que as nossas empresas são equivalentes mas em termos de produtividade e eficiência estamos ainda uns níveis abaixo salvo raras exceções. A necessidade da internacionalização para mercados fortemente concorrenciais vem expor esta fragilidade.

Gosto de separar o engenheiro da engenharia. Para o engenheiro português que se aventura no estrangeiro o primeiro passo costuma ser lutar contra o estereótipo criado nas décadas de 50 e 60, com as emigrações em massa, de simpaticamente, povo mais “rude”. Hoje posso afirmar com alguma confiança que o estereótipo ainda existe mas que nas grandes empresas tende a desaparecer face ao fluxo de jovens engenheiros portugueses altamente qualificados. Por exemplo, na minha experiência em 2008 no Reino Unido (ARUP), inicialmente, não pude deixar de sentir que havia uma expectativa baixa relativamente à minha capacidade em comparação por exemplo com um engenheiro inglês, francês ou alemão. Confesso que comigo e outros colegas portugueses rapidamente provámos o contrário e conquistámos o nosso lugar. Hoje estou no Qatar, e aqui, aparentemente há um desconhecimento quase total, salvo o Cristiano Ronaldo, de Portugal e muito mais da engenharia portuguesa. Ou seja, nós, como consultants temos a rara oportunidade de criar a primeira imagem, do engenheiro e da engenharia.

Em suma, creio que o engenheiro e o português, individualmente consegue moldar-se, adaptar-se e superiorizar-se em qualquer sistema ou mercado. Infelizmente, ao nível empresarial, para que se consiga essa evolução precisamos de criar o nosso espaço, projectos sustentáveis, mudança de mentalidade de gerências e jovens engenheiros e uma cultura transversal no nosso sector.

Acabando com estereótipos, alguém que conheci por aqui disse-me: “in France we always said – hard worker as a Portuguese”. Nem tudo está mal.